

INTERVENÇÕES PSICOAFETIVAS COM CRIANÇAS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIAS EM GRUPOS OPERATIVOS

MARTINS, Dyovana Mathias¹
BLANCO, Gabrieli Coimbra²
ANDRADE, Heitor Silva³
LOPES, Silvana Batista Moreira⁴

RESUMO

A presente produção traz um relato de experiência realizado durante o estágio básico de Psicologia, envolvendo intervenções psicoafetivas com crianças de 6 a 12 anos, em grupos operativos no contexto do Sistema Único de Saúde (SUS). As crianças participantes apresentavam dificuldades emocionais, comportamentais e cognitivas, mas sem diagnóstico definido. As atividades foram fundamentadas nas teorias de Wallon, Vygotsky e Pichon-Rivière, com o objetivo de promover o desenvolvimento emocional e social por meio de dinâmicas lúdicas e reflexivas. A matroginástica destacou-se como estratégia eficaz para fortalecer os vínculos entre crianças e responsáveis. Foram realizadas leituras de artigos científicos que subsidiaram a fundamentação teórica e a prática. Os resultados indicaram avanços significativos no reconhecimento e expressão das emoções, empatia e cooperação, evidenciando a importância das práticas grupais na promoção da saúde emocional infantil.

PALAVRAS-CHAVE: Psicoafetividade, Desenvolvimento Infantil, Grupos Operativos

1. INTRODUÇÃO

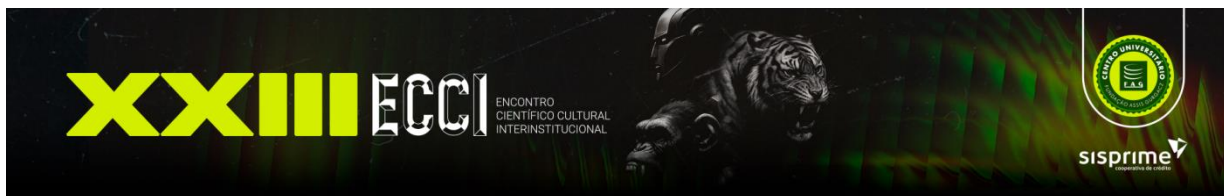
As intervenções psicoafetivas com crianças representam um campo crucial de atuação da psicologia do desenvolvimento e da saúde mental infantil. Fundamentadas na compreensão de que os aspectos emocionais e afetivos são constitutivos do sujeito em formação, essas intervenções visam proporcionar um espaço terapêutico onde a criança possa expressar sentimentos, elaborar experiências e construir relações significativas. O vínculo estabelecido entre profissional e criança é um dos principais instrumentos terapêuticos, sendo essencial para a criação de um ambiente seguro e acolhedor.

¹ Acadêmica do Curso de Psicologia do Centro Universitário Assis Gurgacz – FAG. E-mail: dmmartins4@minha.fag.edu.br

² Acadêmica do Curso de Psicologia do Centro Universitário Assis Gurgacz – FAG. E-mail: gbcoimbra@minha.fag.edu.br

³ Acadêmico do Curso de Psicologia do Centro Universitário Assis Gurgacz – FAG. E-mail: hasilva2@minha.fag.edu.br

⁴ Professora Orientadora Silvana Batista Moreira. E-mail: profsil07@fag.edu.br



A infância é uma etapa marcada por intensos processos de aprendizagem, socialização e formação da identidade, sendo o desenvolvimento afetivo um eixo transversal a essas experiências. Nesse sentido, as intervenções psicoafetivas buscam reconhecer e responder às necessidades emocionais da criança, por meio de recursos que respeitam sua linguagem simbólica, como o brincar, a arte, o faz de conta e a escuta sensível. Tais práticas possibilitam a expressão de conteúdos psíquicos muitas vezes inacessíveis pela linguagem verbal convencional, especialmente nas fases iniciais do desenvolvimento.

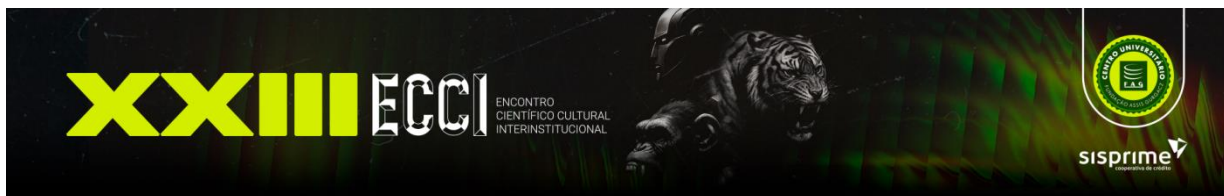
Destarte, a atuação psicoafetiva torna-se especialmente relevante em contextos de sofrimento psíquico, negligência, violência, perdas, hospitalizações ou dificuldades escolares. Nesses casos, a intervenção terapêutica pode favorecer a ressignificação de experiências traumáticas, promover o fortalecimento da autoestima e ampliar os recursos internos da criança para lidar com desafios emocionais. Destacam-se também a importância do trabalho integrado com a família e demais agentes do convívio da criança, como educadores e cuidadores, na construção de uma rede de apoio efetiva.

Do ponto de vista teórico-metodológico, essas intervenções podem se basear em diferentes abordagens psicológicas, como a psicanálise, a psicologia humanista, a teoria do apego ou a abordagem sistêmica, entre outras. Independentemente da vertente adotada, o foco central reside na promoção do desenvolvimento integral da criança, valorizando sua subjetividade e assegurando o respeito aos seus direitos enquanto sujeito de cuidado. Assim, as intervenções psicoafetivas assumem um papel fundamental na promoção da saúde mental infantil e na prevenção de agravos ao desenvolvimento emocional.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

No contexto dos grupos operativos, conforme identificado durante o processo, a aprendizagem centrada nos processos grupais evidencia a possibilidade de uma nova elaboração de conhecimento, de integração e de questionamentos acerca de si e dos outros. Segundo Pichon-Rivière, a aprendizagem é um processo contínuo em que comunicação e interação são indissociáveis, pois aprendemos a partir da relação com os outros.

Conforme destaca Wallon (1975), a criança gradualmente desenvolve a capacidade de se perceber em relação aos outros. É por meio das interações no ambiente familiar que ela começa a formar uma noção de pertencimento, reconhecendo seu papel e seu lugar dentro do grupo. Ao se relacionar com pais e irmãos, ela vai compreendendo, aos poucos, a organização da família e sua posição dentro dessa estrutura.



Segundo Wallon, para além do núcleo familiar, o ambiente social em que a criança está inserida também exerce forte influência em seu desenvolvimento. A escola, nesse contexto, assume um papel central na formação biopsicossocial durante a infância, pois representa um espaço coletivo que amplia as possibilidades de interação e aprendizado. É nesse cenário que surgem os grupos sociais, fundamentais para a construção das primeiras experiências de convivência fora do ambiente familiar. Conforme Gayotto (1992), o grupo se apresenta como um espaço privilegiado na produção do conhecimento, justamente por carregar significados historicamente construídos.

2.1 JOGOS SIMBÓLICOS

No cenário contemporâneo, marcado pelo avanço tecnológico e pela presença constante de telas e dispositivos digitais, cada vez mais se percebe que o brincar ou o lúdico ganham destaque como elemento essencial da aprendizagem e do desenvolvimento infantil.

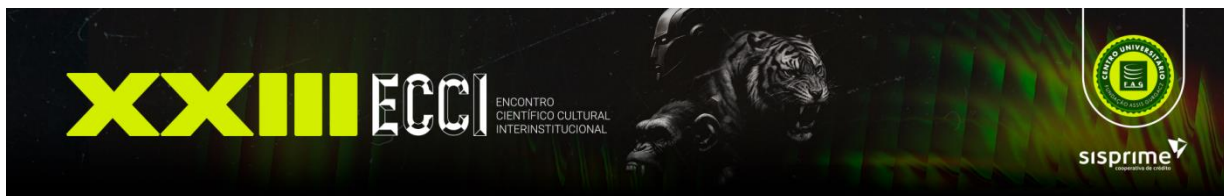
A valorização do lúdico tem sido discutida por diversos estudiosos e profissionais da educação, que reconhecem seu papel estruturante no processo de construção do conhecimento e na formação subjetiva da criança. As atividades lúdicas não apenas favorecem a expressão criativa e emocional, mas também contribuem diretamente para o desenvolvimento cognitivo, tornando-se, assim, indispensáveis nas práticas pedagógicas voltadas à infância. (Macedo, 2004)

Através das atividades lúdicas, a criança vivencia experiências significativas, aprendendo por meio da imitação e da interação com o ambiente. O ato de brincar permite o desenvolvimento de habilidades cognitivas importantes, ao mesmo tempo que favorece a elaboração de conflitos surgidos durante essas interações, estimulando o raciocínio e a capacidade de resolver problemas. Além disso, o brincar contribui para o amadurecimento das habilidades motoras, uma vez que exige coordenação, controle corporal e movimento, aspectos essenciais para o desenvolvimento físico infantil.

O faz-de-conta, revela ser uma intervenção de brincadeira que mais favorece a expressão emocional e o exercício da empatia, permitindo que a criança explore diferentes papéis e situações sociais. Nessa prática simbólica, ela entra em contato com normas, limites e valores, o que contribui para a aprendizagem do respeito às regras e para a melhoria das relações interpessoais.

Observar atentamente uma criança enquanto brinca permite identificar aspectos relevantes de seu desenvolvimento, bem como de sua percepção sobre si mesma e das formas de interação com o outro (Ferraz, 2010).

O que pode parecer simples ou insignificante aos olhos do adulto, pode representar, para a criança, uma forma de entender e compreender o mundo, o que na fala de Vygotski, seria a



aprendizagem pela mediação, os jogos simbólicos. O brincar, nesse sentido, sendo um instrumento poderoso de aprendizagem, expressão e construção de sentido sobre si mesma e sobre o seu mundo real. A aprendizagem é um processo complexo que envolve não apenas a aquisição de conhecimentos, mas também o desenvolvimento de habilidades e atitudes. Segundo Vygotski (1987), a aprendizagem é um processo social que ocorre através da interação entre o indivíduo e o meio ambiente. Ele destaca a relevância da linguagem e interações sociais no desenvolvimento cognitivo e afetivo do indivíduo.

A aprendizagem desperta uma série de processos evolutivos internos capazes de operar somente quando o indivíduo interage com pessoas em seu ambiente e quando em cooperação com seus companheiros. (VYGOTSKI, 1987, p. 101).

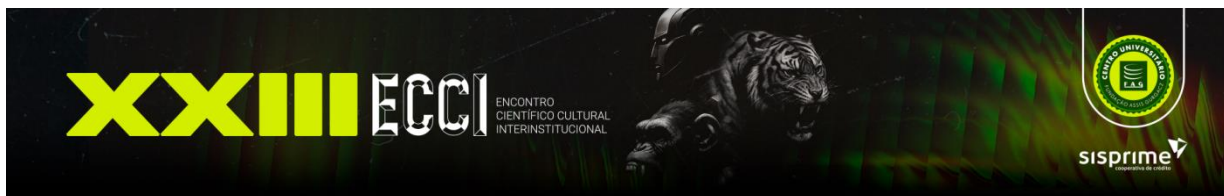
Assim sendo, o projeto Psicoafetividade desenvolvido pelos estagiários de psicologia visa propiciar um espaço de apoio, favorecendo o desenvolvimento psicoafetivo das crianças e seus cuidadores. Wallon (1975) enfatiza a relevância da afetividade no desenvolvimento humano. Segundo ele, a afetividade é uma parte fundamental da aprendizagem humana que influencia a forma como nos relacionamos com os outros e conosco mesmos. A afetividade é uma função psíquica que tem um papel fundamental na constituição do sujeito, pois é através dela que o indivíduo se relaciona com o mundo e consigo mesmo. (WALLON, 1975, p. 45).

No contexto do projeto Psicoafetividade, a afetividade é vista como um componente essencial do desenvolvimento humano. Os estagiários de psicologia trabalham para criar um ambiente de apoio e compreensão que permita aos pacientes desenvolver uma maior consciência de si mesmos e de suas emoções.

A aprendizagem é um processo que envolve a pessoa como um todo, incluindo sua afetividade, sua cognição e sua ação. (WALLON, 1975, p. 67). Assim, o projeto Psicoafetividade busca integrar a aprendizagem e a afetividade, reconhecendo que o desenvolvimento humano é um processo complexo que envolve múltiplas dimensões.

2.1.1. RODAS DE CONVERSA

A prática de atendimento psicológico infantil deve favorecer as interações e interlocuções entre os diversos sujeitos envolvidos, reconhecendo que o processo terapêutico é constituído por elementos como a escuta ativa, a empatia e a expressão de emoções. Esses componentes precisam estar integrados de forma coerente ao objetivo de promover o desenvolvimento integral da criança, garantindo intencionalidade nas ações e promovendo um ambiente de apoio significativo.



Nesse sentido, a escuta ativa e o respeito à diversidade de vozes são fundamentais para a construção de vínculos significativos e para a efetiva promoção do desenvolvimento infantil. A valorização do diálogo e da participação ativa transforma o processo terapêutico em um espaço de trocas, de expressão e de construção conjunta de saberes, onde cada sujeito é reconhecido em sua singularidade e potencialidade.

A roda de conversa pode ser entendida como um espaço de partilha e de confronto de ideias, onde as crianças podem expressar suas emoções e pensamentos de forma livre e segura. Essa prática promove a igualdade de oportunidades, permitindo que cada criança possa se expressar livremente e afirmar sua individualidade, ao mesmo tempo em que se reconhece como parte de um coletivo.

Por meio da roda de conversa, são incentivados valores como o respeito mútuo, a escuta ativa e a cooperação, fundamentais para a construção de relações sociais mais justas e solidárias. A roda de conversa configura-se como um espaço terapêutico que assegura o direito à participação, o dever da escuta e o reconhecimento das múltiplas formas de expressão.

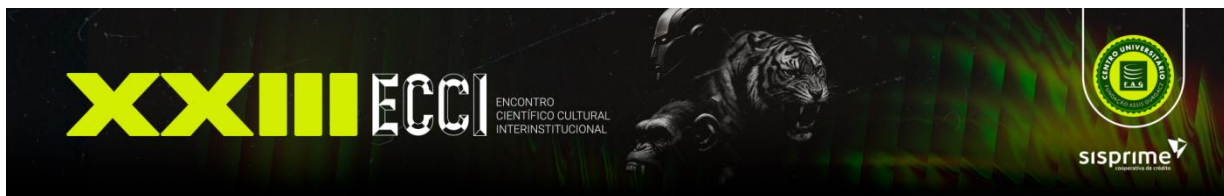
Os grupos operativos devem ser compreendidos como um lugar de trocas, de expressão e de construção conjunta de saberes, onde cada sujeito é reconhecido em sua singularidade e potencialidade. A valorização do diálogo, da escuta e da participação ativa transforma a rotina escolar em um processo democrático e humanizador, contribuindo para o desenvolvimento integral das crianças e para a consolidação de práticas pedagógicas mais inclusivas e conscientes.

A escuta ativa da criança entendida não apenas como atenção ao que ela verbaliza, mas também ao que expressa por meio de gestos, brincadeiras e silêncios torna-se elemento fundamental para a construção de vínculos significativos e para a efetiva promoção do seu desenvolvimento integral. Valorizar essa escuta é, portanto, um passo essencial para transformar a educação infantil em um espaço de participação, pertencimento e respeito à infância em sua singularidade.

Segundo De Angelo (2011), a roda de conversa pode ser entendida como um:

[...] espaço de partilha e de confronto de ideias. Um dispositivo pedagógico que possibilita às crianças o direito à participação. A roda de conversa se afirma como espaço de diálogo, trocas, constituição de sujeitos, escuta em que as crianças assumem papel ativo na comunicação.

Nesse contexto, a roda de conversa representa uma estratégia pedagógica que promove a igualdade de oportunidades, permitindo que cada criança possa se expressar livremente, afirmar sua individualidade e, ao mesmo tempo, reconhecer-se como parte de um coletivo. Por meio dessa prática, são incentivados valores como o respeito mútuo, a escuta ativa e a cooperação, fundamentais para a construção de relações sociais mais justas e solidárias desde os primeiros anos de vida.



2.1.2. MATROGINÁSTICA

A matroginástica foi utilizada pelos autores deste trabalho com o foco de promover o fortalecimento dos vínculos entre pais e filhos por meio de atividades corporais e lúdicas. A proposta buscava criar um momento de aproximação, afeto e descontração, favorecendo a construção de laços mais fortes dentro do contexto familiar. Durante um ano, a atividade foi desenvolvida com crianças de 6 a 12 anos e seus respectivos responsáveis, com idades entre 40 e 65 anos. As técnicas foram baseadas no trabalho de que apresenta práticas de matroginástica em seu e estudos de (Lorenzetto, 2010).

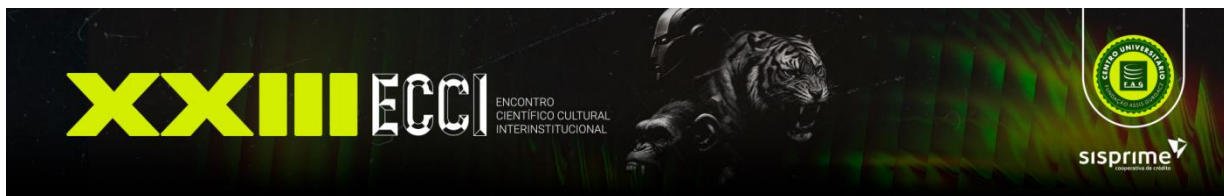
As intervenções ocorriam sempre às terças-feiras, nos últimos 15 minutos dos grupos operativos, realizados na sala de reuniões da clínica-escola da FAG. A intervenção era aplicada ao final dos encontros dos três grupos que compunham o projeto psicoafetividade (Educativo, Emocional e Atendimento aos Pais), organizados em sistema de rodízio semanal.

Ao longo do projeto, foi possível observar avanços significativos no envolvimento dos participantes. Algumas crianças com diagnóstico de autismo, que inicialmente recusavam-se a participar das atividades por envolverem contato físico, passaram a demonstrar entusiasmo e iniciativa, chegando a competir amigavelmente para iniciar a dinâmica. Em relação aos pais, observou-se uma maior abertura na interação com os filhos, superando comportamentos inicialmente retraídos.

A matroginástica se mostrou, portanto, uma estratégia eficaz na promoção de vínculos afetivos, revelando-se um momento de integração, acolhimento e alegria entre os participantes. No contexto dos atendimentos grupais, sua inserção contribuiu significativamente para o fortalecimento do vínculo grupal, para a construção de um espaço de escuta e cooperação mútua, além de possibilitar uma vivência mais concreta dos conteúdos trabalhados ao longo das intervenções. Esse momento final compartilhado entre todos os grupos funcionava também como um elo integrador entre os diferentes focos de atuação (educacional, emocional e familiar), reforçando a importância do corpo e do afeto nas práticas psicológicas com crianças e seus responsáveis.

O trabalho de Lorenzetto (2010) corrobora a eficácia dessa prática ao descrever que a matroginástica proporciona aos pais e filhos o sentimento de alegria e integração. Segundo o autor:

“[...] A presença de um número grande de atividades cooperativas é uma grande escola de cidadania. Talvez seja a matroginástica um dos mais fascinantes ramos da educação física, pois ela é ao mesmo tempo: lúdica, expressiva, formativa, rítmica e terapêutica”



Essa perspectiva reforça a potência da matroginástica como recurso terapêutico complementar nos atendimentos em grupo, ampliando seus efeitos para além do vínculo familiar e contribuindo também para o desenvolvimento emocional, social e cooperativo dos envolvidos. A matroginástica é uma atividade física que envolve pais e filhos em conjunto, buscando estreitar os laços familiares e incentivar a prática de exercícios de forma lúdica e prazerosa. Estimula a interação entre pais e filhos, reduz o estresse e melhora o bem-estar emocional. Promove a comunicação e o respeito entre os membros da família, criando um ambiente de apoio e confiança.

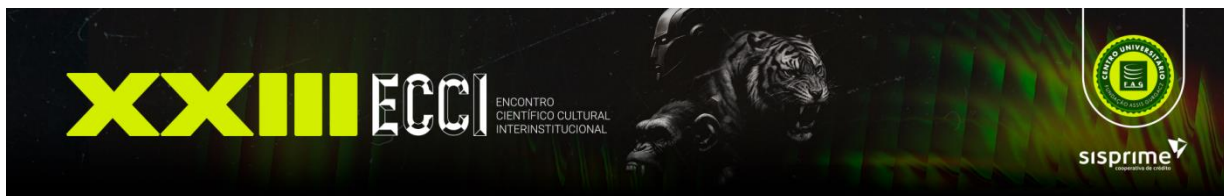
3. METODOLOGIA

O presente estudo configura-se como um relato de experiência, de abordagem qualitativa, que tem como objetivo apresentar e refletir sobre as vivências ocorridas durante a realização do Estágio Obrigatório Profissionalizante do curso de Psicologia, desenvolvido no Centro Universitário Assis Gurgacz (FAG), na cidade de Cascavel – PR. As atividades foram realizadas em uma instituição vinculada ao Sistema Único de Saúde (SUS), no contexto de atendimentos em grupo para crianças.

A experiência ocorreu ao longo de dois períodos semestrais, totalizando 20 encontros em cada semestre. Os participantes variavam de um semestre para o outro, com crianças de ambos os sexos, com idades entre 6 e 12 anos. As atividades foram organizadas em três grupos operativos: um grupo com foco educacional, outro voltado aos pais (ambos conduzidos por outros estagiários), e o grupo com enfoque psicoafetivo e emocional, que constitui o objeto central deste relato.

As intervenções psicoafetivas realizadas no grupo emocional tinham como objetivo favorecer a expressão e a elaboração das emoções das crianças por meio de atividades lúdicas e simbólicas. A cada encontro, era proposta uma atividade voltada ao emocional, com o intuito de ajudar as crianças a identificarem, compreenderem e expressarem suas emoções. Além disso, eram incluídas outras atividades complementares que incentivam a convivência, o respeito e a escuta ativa entre os participantes.

Foram utilizados recursos como rodas de conversa, jogos simbólicos, desenhos, brincadeiras dirigidas e matroginástica sempre considerando as necessidades do grupo e respeitando a faixa etária dos participantes. A metodologia adotada baseou-se na observação direta, em registros reflexivos dos encontros e na análise qualitativa das estratégias terapêuticas aplicadas, respeitando os princípios éticos da prática com crianças.



Além das vivências práticas, as atividades foram enriquecidas por leituras de artigos científicos relacionados ao desenvolvimento infantil, às práticas grupais e às intervenções psicoafetivas, que ofereceram subsídios teóricos fundamentais para a construção e a análise das ações realizadas.

4. ANÁLISES E DISCUSSÕES

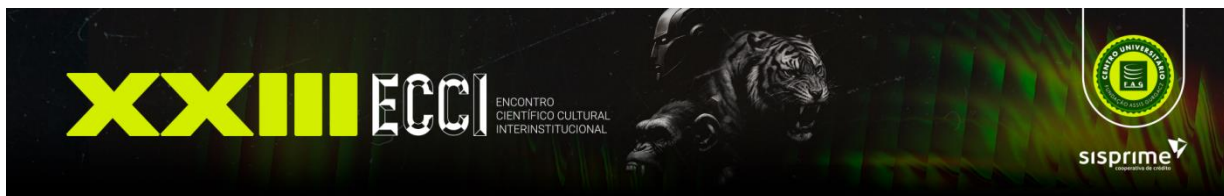
Este estudo foi realizado durante dois períodos semestrais de estágios supervisionados em grupos operativos com crianças, no curso de Psicologia do Centro Universitário Assis Gurgacz, na cidade de Cascavel, nos anos de 2024 e 2025. As crianças participantes foram encaminhadas por meio do Sistema Único de Saúde (SUS), o que reforça a importância do trabalho realizado em contextos comunitários e a necessidade de intervenções psicossociais adequadas para esse público.

Durante esse período, foram construídos espaços terapêuticos que promoveram a expressão afetiva e o desenvolvimento emocional e social dos participantes. Essa experiência evidenciou a importância fundamental da criação de ambientes seguros e acolhedores, nos quais as crianças podem reconhecer, expressar e elaborar suas emoções.

Observou-se que o ambiente terapêutico favoreceu a segurança emocional e o acolhimento necessários para que as crianças se sentissem livres para compartilhar suas experiências afetivas. Segundo Fonagy, et al (2002), a criação de um ambiente terapêutico seguro é essencial para promover a confiança e a abertura emocional, especialmente em intervenções com crianças, que ainda estão desenvolvendo suas habilidades para lidar com emoções complexas.

A expressão e o reconhecimento das emoções foram aspectos centrais nas dinâmicas de grupo. As atividades propostas facilitaram que as crianças identificassem e nomeassem seus sentimentos, além de reconhecerem os estados emocionais dos colegas, promovendo o desenvolvimento da empatia e da inteligência emocional, conforme destacado por Goleman (1995). Essas habilidades são essenciais para o desenvolvimento social e afetivo das crianças, contribuindo para a melhora da convivência e o fortalecimento dos vínculos interpessoais dentro e fora do contexto clínico.

Os temas emergentes durante o grupo operativo refletiram as demandas afetivas mais presentes nas crianças atendidas, tais como ansiedade, autoestima, conflitos familiares e dificuldades nas relações interpessoais. A literatura aponta que a abordagem em grupo permite a externalização dessas questões de forma segura, favorecendo a elaboração e a ressignificação dessas experiências



(Yalom; Leszcz, 2005). Além disso, o trabalho em grupo possibilita à criança perceber que não está sozinha em suas dificuldades, fator importante para a redução do sofrimento psíquico.

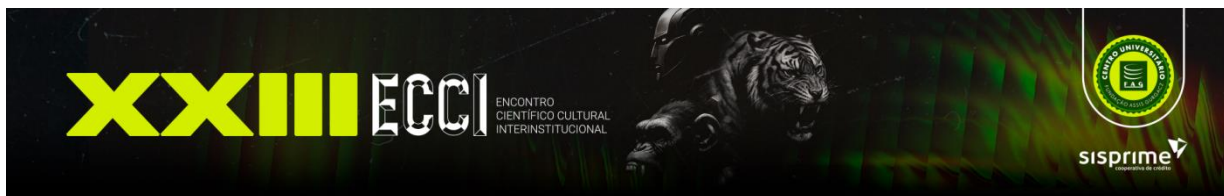
No grupo operativo, algumas dificuldades específicas foram identificadas entre as crianças, como a resistência à verbalização de sentimentos e a presença de comportamentos hiperativos, que dificultavam o andamento das dinâmicas grupais. Para lidar com a dificuldade de verbalização, foram utilizadas estratégias lúdicas, como desenhos e jogos simbólicos, que facilitaram a expressão não-verbal e auxiliaram as crianças a externalizar suas emoções de maneira mais confortável. Já a hiperatividade foi trabalhada por meio do estabelecimento de regras claras, pausas estratégicas e atividades que canalizassem a energia das crianças de forma construtiva, promovendo maior concentração e respeito ao tempo de fala dos colegas. Essas adaptações foram fundamentais para garantir a participação efetiva de todos e o desenvolvimento do grupo.

Os resultados observados indicaram melhora significativa na expressão emocional, aumento da autoestima e redução de sintomas como ansiedade, corroborando estudos que evidenciam os benefícios das intervenções psicoafetivas em grupos operativos para o desenvolvimento integral da criança (Bion, 1961; Fonagy et al., 2002). Contudo, desafios como a resistência inicial de alguns participantes e a necessidade de constante adaptação das dinâmicas ressaltam a complexidade do trabalho clínico em grupo com crianças, demandando flexibilidade e sensibilidade do profissional.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As intervenções psicoafetivas com crianças, realizadas por este grupo de estagiários do Projeto Psicoafetividade ao longo de dois semestres, revelaram-se uma experiência de aprendizagem e crescimento profissional inestimável. Atuando com crianças de 6 a 12 anos em grupos operativos, a partir de encaminhamentos do SUS, tivemos a oportunidade de aplicar e aprofundar nossos conhecimentos em psicologia do desenvolvimento e dinâmica de grupo em um contexto prático e desafiador.

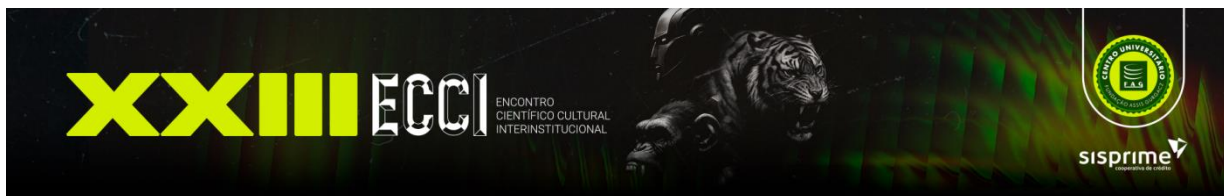
A vivência com o uso de jogos lúdicos e a condução das rodas de conversa nos permitiram compreender, de forma concreta, como essas estratégias são eficazes para promover o desenvolvimento emocional, social e cognitivo das crianças. Observamos diretamente como o brincar facilita a expressão de sentimentos e a elaboração de conflitos internos, enquanto as rodas de conversa se estabeleceram como um espaço crucial para o diálogo horizontal, onde a escuta ativa e o respeito à singularidade de cada criança foram exercitados e consolidados.



Um dos aprendizados mais marcantes foi a necessidade de flexibilidade e sensibilidade para adaptar as dinâmicas às necessidades específicas de cada grupo e de cada criança. Lidar com a resistência inicial, a hiperatividade e as dificuldades de verbalização nos impulsionaram a buscar soluções criativas e a aprimorar nossas habilidades de manejo grupal e de construção de vínculo terapêutico. A inclusão da matroginástica, em particular, destacou-se como uma estratégia poderosa, ensinando-nos sobre a potência da interação corporal e do afeto no fortalecimento de laços familiares e grupais.

Essa experiência, ofertada em um serviço do Sistema Único de Saúde reforçou nossa percepção sobre a relevância social da Psicologia e a necessidade de intervenções psicossociais acessíveis. A interação com as famílias e com os diferentes focos dos grupos operativos (educacional, emocional e pais) ampliou nossa compreensão sobre a importância da rede de apoio e do trabalho integrado para a promoção da saúde mental infantil.

Em síntese, o Projeto Psicoafetividade não apenas validou a importância das intervenções grupais na infância, mas também consolidou nossa formação como futuros psicólogos. A prática supervisionada nos equipou com ferramentas teóricas e práticas, além de uma maior sensibilidade para a escuta e o acolhimento, preparando-nos para os próximos desafios da atuação profissional com crianças e suas famílias.



REFERÊNCIAS

BION, Wilfred R. **Experiências em grupos**. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1961.

DE ANGELO, Adilson. **Que infância, para que criança?- Nas sendas da história. Zero a seis**. Florianópolis, v. 10, n. 18, dez. 2008. Disponível em: > <https://periodicos.ufsc.br/index.php/zeroseis/article/view/1980-4512.2008n18p74/8079> < Acesso em: 20 mai 2025

FERRAZ, Beatriz et al. Quanta coisa eles aprendem. *Nova Escola*, São Paulo: Editora Abril, n. 231, abr. 2010. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/7729/quanta-coisa-eles-aprendem>. Acesso em: 17 maio 2025.

FONAGY, Peter; GERGELY, György; JURIST, Elliot L.; TARGET, Mary. **A mente orientada para o significado: processos intersubjetivos e o desenvolvimento da regulação afetiva**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

FRIEDMAN, Adriana. ET AL. **O direito de brincar: a brinquedoteca**. 4ª Ed. São Paulo: Edições Sociais: Abrinq, 1998.

GOLEMAN, Daniel. **Inteligência emocional**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995.

KISHIMOTO, Tizuco M.. **Jogo, brincadeira e a educação**. 12ª Ed.. São Paulo: Cortes, 2009. Disponível em: > <https://www.scielo.br/j/es/a/r9nktY3PFsMXD6ygsMQ8Dxj/><. Acesso em 19 maio 2025

KLEIN, Melanie. **Amor, culpa e reparação**. 4. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1988.

LORENZETTO, L. A. Matroginástica: brincar e compartilhar. Disponível em: http://www.motricidade.com/index.php?option=com_content&view=article&id=152:matroginastica-brincar-e-compartilhar&catid=50:gestao&Itemid=90 . Acesso em: 18 maio 2025.

MACEDO, Lino. Faz-de-conta na escola: a importância do brincar. *Revista Pátio*, Porto Alegre, dez. 2003/mar. 2004.

MIRANDA, Priscilla Siqueira da Silva Maia de. Atividades lúdicas atendem necessidades psicomotoras das crianças. *Revista do Professor*, Porto Alegre, ano 24, n. 93, p. 9–13, jan./mar. 2008.

VYGOTSKY, L. S.. **A formação social da mente**. Martins Fontes, 2003.

VYGOTSKY, L. S. (1987). **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes. Disponível em: ><https://www.institutoelo.org.br/site/files/publications/5157a7235ffccfd9ca905e359020c413.pdf>< . Acesso em: 20 maio 2025.

WALLON, H. (1975). **A evolução psicológica da criança**. São Paulo.

YALOM, Irvin D.; LESZCZ, Molyn. **Teoria e prática da psicoterapia de grupo**. Porto Alegre: Artmed, 2005. Disponível em: > <https://www.scielo.br/j/rpc/a/MC7H8kmPm7PJbNXQ8pFqWsB/?lang=pt> < Acesso em: 10 maio 2025.